

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM MONTENEGRO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS: LICENCIATURA

TAÍS RODRIGUES DA SILVA

ENTRE MÃOS:

Uma árvore possível

MONTENEGRO

2019

TAÍS RODRIGUES DA SILVA

ENTRE MÃOS:

uma árvore possível

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Igor Simões

MONTENEGRO

2019

Catálogo de Publicação na Fonte

S586e Silva, Taís Rodrigues da.

Entre mãos: Uma árvore possível / Taís Rodrigues da Silva– Montenegro, 2019.

54f., il.

Orientador: Prof. Dr. Igor Simões.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual
do Rio Grande do Sul; Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade em

TAÍS RODRIGUES DA SILVA

ENTRE MÃOS:

uma árvore possível

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Igor Simões

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Dr. Igor Simões
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dra. Carmen Lúcia Capra
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Izis de Abreu
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

MONTENEGRO

2019

AGRADECIMENTOS

Ora yê yê ô
Kaô Kabecile

Aos orixás e as todas as entidades que estiveram comigo, me protegendo.

À minha mãe, dona Iolanda Rodrigues, que, com todas as suas dificuldades na vida, nunca deixou de incentivar seus filhos a acreditarem numa vida melhor.

Ao meu pai, Sérgio, por sempre me incluir em suas preces.

Aos meus irmãos, Adriano, Luis Henrique e Sérgio Júnior.

Às minhas professoras e aos meus professores da graduação, que contribuíram para que eu pudesse chegar ao fim desse ciclo.

A todos os que contribuíram, de uma forma ou outra, no decorrer dessa jornada.

Ao meu grande amor, Letícia Neves Leal, que é a maior responsável por minha conquista, que foi minha maior incentivadora e patrocinadora e que acreditou, sempre, nessa minha busca e, mesmo quando as dificuldades apareciam, jamais me deixou desistir.

A invisibilização paira sobre o sujeito negro

Conceição Evaristo

RESUMO

Esta monografia representa o Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais: Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), e se trata de uma pesquisa em poética visual, que gira em torno da construção de um trabalho artístico, que foi pensado, a partir de encontros entre mim e outras pessoas negras (homens e mulheres), as quais, de alguma maneira, eu encontrei, pelos locais que frequento. Nesse processo, procurei, também, abordar questões que permeiam meu percurso de aprendizagem, passando por fatos ligados diretamente ao sujeito negro, e que refletem sobre a sua ausência em alguns lugares da sociedade.

Palavras-chave: Ausência. Encontro. Presença negra.

ABSTRACT

This monograph represents the work of Completion of the Bachelor Course of Visual Arts of the State University of Rio Grande do Sul (UERGS). It is a research in visual poetics, which revolves around the construction of an artistic work, that was thought, from encounters between myself and other black people (men and women), which I somehow found, in the places I attend. In this process, I also sought to address issues that permeate my learning path, going through facts directly linked to black persons, reflecting on their absence in some places of society.

Keywords: Absence. Meeting. Black presence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Trabalho <i>Reentrâncias</i> , de 2017	14
Figura 2 – Trabalho <i>Reentrâncias</i> , de 2017	15
Figura 3 – Página de capa do atlas <i>Theatrum Orbis Terrarum</i> , de Abraão Ortélio, de 1570	19
Figura 4 – <i>Negra quitandeira com filho às costas</i> , de Joaquim Cândido Guillobel, de 1814.	23
Figura 5 – Materiais levados para os encontros.....	29
Figuras 6A e B – Caderneta com anotações de palavras disparadoras de lembranças dos encontros	29
Figura 7 – Rabiscos: uma nova imagem surge	30
Figura 8 – Encontro com Jordana Lima, na Casa de Cultura Mário Quintana, em 2019	31
Figura 9 – Encontro com Daniela Sacramento, em Viamão, em 2019.....	32
Figura 10 – Encontro com José Carlos, em Porto Alegre, em 2019.....	32
Figura 11 – Encontro com Luciane, em Porto Alegre, em 2019.....	33
Figura 12 – Encontro com Allyson, em Viamão, em 2019.....	33
Figura 13 – Encontro com Carmen Bandeira, em Porto Alegre, em 2019	34
Figura 14 – Encontro com Cláudio, em Viamão, em 2019	34
Figura 15 – Encontro com Luciane, em Viamão, em 2019.....	35
Figura 16 – Traços de uma árvore	37
Figura 17 – Material para montar a <i>Árvore</i>	38
Figura 18 – Montando a árvore	39
Figura 19 – Instalação <i>A Flor de Piel</i> (2011-2012), de Doris Salcedo.....	40
Figura 20 – Detalhes da construção da peça de pétalas de rosas.....	40
Figura 21 – Fotografia <i>In the house of my father</i> , de Donald Rodney, de 1997 41	
(Figuras 22A, B e C) – Trechos da videoinstalação <i>While I Write</i> , de Grada Kilomba, de 2016	44
Figuras 23A e B – Trechos da performance <i>Plantation Memories</i> , de Grada Kilomba, de 2015	44
Figura 24 – Desenho <i>Gargalheira (quem falará por nós?)</i> , de Sidney Amaral, de 2014	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 QUANDO ME ENCONTRO FORA: DESCUBRO-ME NEGRA	12
2.1 MAS, AFINAL, O QUE É <i>REENTRÂNCIAS</i> , E QUAIS SÃO OS REFLEXOS DESSE TRABALHO NO <i>ENTRE MÃOS</i> ?.....	13
3 VIDAS NEGRAS: ESCRAVIZAÇÃO, <i>THEATRUM ORBIS TERRARUM</i> E BRASIL DO SÉCULO XXI.....	16
3.1 ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL.....	16
3.2 HIERARQUIZAÇÃO DE POVOS E DE CONTINENTES	18
3.3 BRASIL DO SÉCULO XXI	20
4 NEGRAS QUITANDEIRAS: PROPAGANDO IDEIAS PELAS RUAS.....	23
5 DA AUSÊNCIA SURGEM ENCONTROS: CONVITES, ENCONTROS, REGISTROS FOTOGRÁFICOS E CADERNO DE ANOTAÇÕES	26
5.1 CONVITES.....	26
5.2 ENCONTROS	27
6 DOS ENCONTROS, SURGE <i>ÁRVORE</i>.....	36
7 PENSANDO O ESPAÇO EXPOSITIVO DA INSTALAÇÃO.....	43
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFÊRENCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia relata o processo de uma pesquisa em poética visual, resultando, assim, em um trabalho artístico. Esta pesquisa se constituiu, a partir de encontros realizados entre mim e outras pessoas negras (homens e mulheres), que, de alguma maneira, encontrei, pelos locais por mim frequentados. Surgiu, igualmente, de um anseio por encontrar semelhantes, por buscar pela presença negra, que, por muitas vezes, se faz ausente, dependendo de onde nós, negros, estivermos. Embora esta pesquisa tenha iniciado, a princípio, por algo individual, no decorrer do trabalho, ela se mostrou inerente a todos nós, descendentes de escravizados.

Essa investigação é dividida em seis capítulos, além deste, introdutório.

O segundo, intitulado *Quando me encontro fora: descubro-me negra*, traz minhas percepções sobre a ausência do sujeito negro nos espaços por mim frequentados, bem como as explicações sobre o que me motivou a chegar a esta pesquisa.

Muitas vezes, é necessário buscar na História fatos que refletem diretamente nas vidas de seres humanos e que provocam efeitos nocivos, por centenas de anos. No capítulo três, *Vidas negras: escravização, Theatrum Orbis Terrarum e Brasil do século XXI*, são apresentados alguns desses fatos, os quais contribuem, de forma negativa, nas vidas negras e que fazem com que o ser negro seja, ainda hoje, subjugado.

No capítulo quatro, intitulado *Negras quitadeiras: propagando ideias pelas ruas*, comparo o gesto de andar entre um lugar e outro da cidade e o compartilhamento de ideias, estabelecidas nos encontros propostos por esta pesquisa, como o movimento das quitadeiras nos períodos da Colônia e do Império no Brasil.

No capítulo cinco, *Da ausência surgem encontros: convites, encontros, registros fotográficos e caderno de anotações*, são apresentados todos os processos realizados, para que os encontros fossem possíveis. Nesse capítulo, trata-se dos convites realizados, passando pela abordagem ao convidar as pessoas, para que pudéssemos falar e ouvir sobre nossas vivências negras. O que se pode esperar desses encontros?

Chegando ao capítulo seis, *Dos encontros, surge **Árvore***, descrevo o surgimento de um símbolo potente, construído a partir dos encontros, carregado de vestígios, não, só, destes encontros, mas, também, conectado a acontecimentos anteriores, referentes à história do povo negro. Assim, surge nossa **Árvore** possível.

E, por fim, o capítulo sete, *Pensando o espaço expositivo da instalação*, traz vozes negras, como presenças no espaço físico de uma instalação poética, buscando, assim, juntar todos os elementos potentes dos encontros, para criar um trabalho com forte viés político e social.

2 QUANDO ME ENCONTRO FORA: DESCUBRO-ME NEGRA

[...] o esforço por instaurar um arquivo. Um arquivo é, sabemos-lo, indispensável para restituir os Negros à sua história, mas é uma tarefa especialmente complicada. Na realidade, tudo o que os Negros viveram como história não tem forçosamente de ter deixado vestígios; e, nos lugares onde foram produzidos, esses vestígios não foram preservados. Assim, impõe-se saber: na ausência de vestígios e de fontes com factos historiográficos, como se escreve a história? Rapidamente começou a criar-se a ideia de que a escrita da história dos Negros só pode ser feita com base em fragmentos, convocados para relatar uma experiência em si mesma fragmentada, a de um povo em pontilhado, lutando para se definir não como um compósito absurdo, mas como uma comunidade cujas manchas de sangue são visíveis em toda a modernidade (MBEMBE, 2014, p. 59-60).

Por muito tempo, deixei de lado a ideia de falar com quem quer que fosse sobre a questão de eu ser uma pessoa negra, das dificuldades e das implicações que isso podia acarretar na minha vida. Lembro-me, como se fosse hoje, a primeira vez que me dei conta de que eu era negra. Foi em meu primeiro dia de aula. Acredito que tivesse uns seis anos e a ansiedade de toda criança, afinal, o novo se apresentava para mim. Conhecer novas pessoas, saber o que era, de fato, ter uma professora, o tal do recreio, que eu teria um momento para comer o lanche, tão bem preparado, pela minha mãe. Entretanto, não foram essas coisas que me trazem mais lembranças do tão sonhado primeiro dia de aula. Tendo sido a primeira aluna a chegar naquele dia, a professora me recebeu com um grande sorriso. Me despedi da minha mãe e, logo, fui sentar na cadeira, para aguardar os outros colegas, que, aos poucos, foram chegando. Quando todos os alunos já estavam presentes em sala de aula, a professora pediu que nós nos apresentássemos, uns aos outros. E foi ali, no momento em que falei meu nome, que descobri que eu era NEGRA, pois, ao terminar de dizer meu nome, um colega disse em voz alta, ainda que de forma tímida: “Ela é nega”. Isso não me fez ficar triste, mas, sim, reparar que, ali, ninguém mais tinha a mesma cor que eu.

Com o passar dos anos eu fui conhecendo novos lugares e, por muitas vezes, percebi que, repetidamente, era a única pessoa negra daquele lugar. Não me questioneei; simplesmente, vivi. No ano de 2015, contudo, ao entrar na faculdade, um lugar latente, cheio de alunos, que empunhavam suas bandeiras em defesa de inúmeros temas, eu, novamente, comecei a pensar sobre a

presença ou a não presença negra, pelo fato de ser uma das poucas negras naquele lugar. Então, experimentei trazer, para algumas cadeiras práticas do curso de Artes Visuais, trabalhos que tivessem conceitos relacionados à identidade negra, ao preconceito e à escravização. E foi assim, criando um trabalho e outro, nas cadeiras práticas do curso de Artes Visuais, que eu cheguei, em 2017, ao trabalho *Reentrâncias*.

2.1 MAS, AFINAL, O QUE É *REENTRÂNCIAS*, E QUAIS SÃO OS REFLEXOS DESSE TRABALHO NO *ENTRE MÃOS*?

Segundo o dicionário, **reentrância** significa “ângulo ou curva para dentro” (UOL, 2019), e foi exatamente esse o movimento feito por mim, em 2017, ao criar *Reentrâncias*. Sempre me incomodou a ideia de que nós, negros, não tínhamos como criar nossa árvore genealógica, o que, de fato, é impossível, pois existem muitas lacunas nessa **árvore**. Somos descendentes de escravizados e, com a escravização, muitas famílias foram desfeitas. Faltam nomes e faltam histórias para contar. Então, como eu poderia criar uma **árvore genealógica** de maneira poética e que não excluísse a presença daqueles dos quais foram tirados os direitos de conhecer seus nomes e suas histórias? Pedi aos meus familiares que enviassem fotos de suas palmas das mãos e, utilizando de folhas de papel vegetal sobre as fotos, eu copiei cada linha daquelas imagens de palmas das mãos, formando, assim, em cada folha de papel vegetal, uma imagem. Uma a uma, as folhas que continham as linhas das palmas das mãos dos meus familiares mais novos eram colocadas sobre as folhas de papel vegetal que continham as linhas das palmas das mãos dos meus familiares mais velhos. Como suporte para colocar essas folhas, utilizei uma caixa de madeira, medindo 30cm x 21cm x 5,7cm, que continha uma tampa de vidro transparente e, dentro dessa caixa, coloquei uma lâmpada. Ao acender a lâmpada daquela caixa, revelava-se uma imagem. Minha **árvore** possível, agora, havia ganhado vida (Figuras 1 e 2). As linhas dos meus familiares mais velhos apareciam sutilmente, mas estavam ali, e, desse modo, pude reverenciar, também, aos meus ancestrais. Não é porque não se podiam enxergar, que meus ancestrais não estariam presentes nessa **árvore**.

Figura 1 – Trabalho *Reentrâncias*, de 2017



Fonte: arquivo pessoal (2017)

Figura 2 – Trabalho *Reentrâncias*, de 2017

Fonte: Arquivo Pessoal (2017)

Embora tenha sido um trabalho que surgiu de um anseio, de algo íntimo e ligado a minha família, ele despertou em mim uma vontade muito grande de derrubar as **paredes** do meu ciclo familiar e me fez querer criar algo, a partir do encontro com outras pessoas negras, que não fossem da minha família. Seria algo desafiador, mais trabalhoso, mas extremamente prazeroso.

3 VIDAS NEGRAS: ESCRAVIZAÇÃO, *THEATRUM ORBIS TERRARUM* E BRASIL DO SÉCULO XXI

3.1 ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL

Entre a metade do século XVI e o século XIX, das margens do rio Senegal ao rio Orange, partem, à força, milhares de pessoas negras, homens, mulheres e crianças, com destino ao Brasil, para, de lá, não voltarem mais, sendo que muitos nem chegariam ao destino. Navios negreiros eram utilizados, como transporte, para essa dura viagem. Abarrotados e espremidos naqueles navios, eram torturados, seus corpos eram marcados com ferro em brasa, para que entendessem quem mandava ali. Muitos eram jogados ao mar, por estarem doentes. Aos nossos antepassados, não foi permitido escolher o lugar que queriam ir e, muito menos, consentido o direito de ficar.

Ao desembarcar, os negros eram batizados por sacerdotes, pois alegava-se que eles eram pagãos e que jamais poderiam adentrar em um país cristão, sem, antes, serem batizados. Os negros vieram ao Brasil com seus navios negreiros?

Nada é mais equivocado do que dizer que o negro veio ao Brasil. Ele foi trazido. Esta distinção não é acadêmica, mas dolorosamente real e só a partir dela é que se pode tentar estabelecer o caráter que o escravismo tomou, aqui: vir pode ocorrer, em função de uma decisão própria, como fruto de opções, postas à disposição do imigrante; ser trazido é algo passivo – como o próprio tempo verbo – e implica fazer algo contra a, e a despeito de, sua vontade (PINSKY, 2010, p. 12)

Negros capturados, meras mercadorias. E pensar que antes, tinham nomes, sobrenomes e possuíam família, que perderam. Perderam-se de seus vínculos familiares, mas nunca, de suas raízes. Com a escravidão, que ocorreu não apenas no Brasil, nós, negros, perdemos. Perdemos, aqui, nesse exato momento, a oportunidade de nos conhecermos, sem o estigma das palavras **descendentes de escravizados**. Seres sem alma: era assim que os negros eram classificados. Mas, por outro lado, tinham algo muito valorizado e de baixo custo. Escravizados tinham mãos, e delas dependia a produção nos engenhos de cana-de-açúcar, nos cafezais e onde mais pudessem ser exploradas. Além

de mãos, os negros também tiveram seus corpos explorados das mais diversas maneiras.

Não se escapava da escravidão. Aliás, no caso do brasileiro, de tão disseminada ela deixou de ser privilégio de senhores de engenho. Padres, militares, funcionários públicos, artesãos, taverneiros, comerciantes, pequenos lavradores, grandes proprietários, a população mais pobre e até libertos possuíam cativos. E sendo assim, a escravidão foi bem mais que um sistema econômico: ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais, fez de raça e cor marcadores de diferença fundamentais, ordenou etiquetas de mando e obediência, e criou uma sociedade condicionada pelo paternalismo e por uma hierarquia muito estrita. (SCHWARCZ, 2019, p. 27-28).

Em 1888, após três séculos de escravização no Brasil, é assinada a Lei Áurea, no dia 13 de maio, e, sem nenhum tipo de ressarcimento ou de alguma forma de inserção da população negra, seus grilhões foram abertos. Mas tanto tempo havia se passado, que os primeiros escravizados trazidos da África, naquela altura, já haviam morrido, e suas histórias de vida, antes de se tornarem escravizados, também. Não havia mais como recuperar seus nomes verdadeiros, como reencontrar seus laços familiares, e eles não teriam recursos para que pudessem voltar. Faria sentido, naquele momento, retornar? E teria como?

Após trezentos anos de escravização, restavam fragmentos de histórias, reproduzidas oralmente, mas muitas coisas haviam se perdido. Quem ditava as regras não tinha interesse em resguardar as histórias dos nossos antepassados. A tentativa da invisibilização do povo negro, naquele momento, já estava instalada e impregnada no Brasil.

Segundo a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz (2019), em nenhum momento após a Lei Áurea ter sido decretada, se executou um plano de ação para integrar a população negra liberta. Dessa forma, deu-se espaço para o surgimento de novas teorias que classificavam brancos como dominantes em relação às demais etnias. Valeram-se da biologia, categorizando por raças a espécie humana, concedendo atributos superiores quanto ao intelecto, moral e físico, estabelecendo um grau de maior superioridade aos homens brancos e ocidentais.

Assim, enquanto o Século das Luzes, e o Liberalismo político tinham divulgado a concepção de que os homens eram iguais perante as leis, teorias do determinismo social e racial pretenderam concluir o oposto: que a igualdade e o livre-arbítrio não passavam de uma quimera, uma balela da Ilustração. Talvez por isso, na época da pós-emancipação um sábio dito popular circulou pelas ruas do Rio de Janeiro: “A liberdade é negra, mas a igualdade é branca”. A citação se referia à liberdade recém-conquistada pelos negros, com a abolição da escravidão, mas indicava, igualmente, a persistência dos severos padrões de desigualdade no país, problema que ainda aflige os brasileiros. (SCHWARCZ, 2019, p. 30-31).

Para Schwarcz (2019), cento e trinta e um anos se passaram desde a abolição da escravatura, mas a população negra ainda sofre com a desigualdade social. Nos períodos que sucederam a 1888, a classe dominante foi criando e estruturando novas maneiras de segregação. Embora o negro não fosse mais escravizado no período republicano, era algo fora do comum ver negros em espaço de influência. Porquanto houvesse intelectuais negros na época colonial e, em especial, durante o Império, todos eles sofreram obliteração.

3.2 HIERARQUIZAÇÃO DE POVOS E DE CONTINENTES

ESTEREÓTIPO. É o conceito padronizado e preconcebido que se tem de alguém ou de alguma coisa, como resultado, não de uma avaliação espontânea, mas de julgamentos repetidos rotineiramente; no campo da sociologia, é o resultado da atribuição, por suposição, de invariáveis características pessoais e de comportamento a todos os membros de determinado grupo étnico, nacional, religioso etc. A criação de estereótipos sobre o negro Brasil (animalidade, feiura, mau cheiro, preguiça, selvageria, superstição etc.) parece datar mesmo do início de nossa História e não guarda nenhuma diferença do que foi plasmado, nesse sentido, em outras partes das Américas. (LOPES, 2011, p. 60).

Como veremos, a seguir, a imagem do negro vem sendo subjugada, distorcida, por uma cultura branca europeia, que, baseada em seu fundamentalismo judaico-cristão, criava no resto do mundo e, principalmente, na figura do negro, a personificação de tudo o que representava pecado, imoralidade, imbecilidade. Podemos dizer que a cultura branca europeia criou o seu próprio demônio e elegeu o negro para representá-lo, de modo que qualquer castigo, vexame, praticado contra ele era visto como a mais justa das atitudes. E, assim, o racismo foi se perpetuando, ao longo da história, causando um desserviço à humanidade.

O *Theatrum Orbis Terrarum* (1570), elaborado por Abraão Ortélio, foi o primeiro atlas relevante do mundo, que teve ampla aceitação e divulgação, na época. Esse atlas traz, em sua folha de rosto, uma imagem carregada de preconceitos. Seu frontispício (Figura 3), expõe, claramente, com todos os seus símbolos, o quanto o continente europeu subjugava as demais partes do mundo. O conceito era esse mesmo: as qualidades louváveis, superiores, eram exclusivamente europeias e o mundo e as pessoas que viviam fora do continente eram considerados **naturalmente inferiores**.

Figura 3 – Página de capa do atlas *Theatrum Orbis Terrarum*, de Abraão Ortélio, de 1570



Fonte: Open Edition (2019)

De fato, havia uma representação quase teatral, na qual apareciam personagens estereotipados. A Europa, obviamente, vinha, não somente vestida e calçada, mas também, sentada e coroada acima de tudo e de todos, ostentando todas as suas **virtudes**, como sabedoria, ética, justiça, moral, trabalho e, até mesmo, autoridade divina. A Ásia é representada por uma mulher bem vestida, com nuances de transparência, representando sensualidade, luxúria e leviandade. Em contraponto, a África é representada por uma mulher negra, tendo a parte inferior do seu corpo tapada, ocultando seu sexo. Ao contrário da Europa, que porta o cetro de autoridade, a África traz, em uma das mãos, um galho, simbolizando as coisas da terra, como as especiarias, que interessavam aos europeus. Abaixo de todas, representando a América, há a imagem de uma mulher, praticamente nua e semideitada, segurando uma cabeça decepada, numa referência ao canibalismo. Nota-se, também, nessa imagem, a figura de um busto, indicando um continente a ser descoberto. Assim como a América, a África também era rebaixada a uma condição bestial.

Por esses conceitos, se compreende que a posição de superioridade do continente europeu permitiu conquistar, cristianizar e explorar os demais continentes, como se todos que não fossem da Europa existissem para servi-la.

3.3 BRASIL DO SÉCULO XXI

*A carne mais barata do mercado
É a carne negra
A carne mais barata do mercado
É a carne negra
Que vai de graça pro presídio
E pára debaixo do plástico
E vai de graça pro sub-emprego
E pros hospitais psiquiátricos...*
(SEU JORGE; YUCA; CAPELETTE, 2002)

São tantas as questões que devem ser levantadas, quanto à situação da população negra, hoje, no Brasil, que não faltam assuntos a serem debatidos. Há tantas pendências e lacunas, que não é preciso encontrar a ponta do fio da meada; basta puxar qualquer linha desse emaranhado, que, certamente, encontraremos algum ponto a discutir.

Por mais que tenhamos muito que caminhar, é impossível pensar na questão racial sem olhar para o passado, afinal, tudo é reflexo de ontem. Esta

busca histórica nunca se fez tão necessária, em dias atuais, de intolerância e de perseguições.

O Brasil é reconhecidamente um dos países mais desiguais do planeta, e uma das dimensões dessa desigualdade é racial.

Quando se comparam os dados de brasileiros brancos com os de pretos e pardos, o cenário que emerge é de dois países completamente distintos.

É o que se vê nos dados de campos diversos como trabalho, renda, educação, crime e participação política.

(CALEIRO, 2018, documento eletrônico).

Não podemos fechar os olhos para uma realidade brutal. Índices de pesquisas estão aí para comprovar que quem morre mais é o sujeito negro, que quem ganha menos é o negro, que a mulher que mais sofre abuso e violência é a mulher negra, que o menor salário é do negro, e que é ele, também, o mais abordado pela polícia; e, até mesmo, quando se fala de índice de mortalidade infantil, é a criança negra que mais morre.

Vivemos em uma sociedade em que o sujeito negro, para ser tolerado, deve se calar. Há uma mordação social que tenta inibir o negro em sua totalidade, calando sua voz, rechaçando seu modo de vida, seu jeito, sua música, podendo qualquer beleza e alegria existente na negritude. Gerações e gerações de mulheres negras, ensinando suas filhas a prenderem muito bem seus cabelos para não chamarem a atenção e para não servirem como distração e/ou como objetos de chacota. O negro não precisa de nenhuma atitude para atrair para si olhares atentos. Sua simples presença já é o suficiente para gerar desconforto e desconfiança em alguém. São estes olhares atentos, que, de alguma maneira, afugentam a presença negra em muitos lugares.

Nota-se um movimento que tenta tirar conquistas da população negra, como, por exemplo, a questão das cotas. Fazem-no da forma mais vil e traiçoeira, alegando que isso não é meritocracia, e tentam incutir, na família negra, a ideia de que se valer das cotas é se colocar numa situação de inferioridade, apresentam as mais variadas justificativas: que também há pobres brancos e dizem, sem peso algum na consciência: teu filho é tão capaz quanto o meu. Certamente, essa mãe e esse pai branco não sabem o que é seu filho entrar em uma loja ou em supermercado e já ter sobre si a pecha de ladrão,

como se cor fosse fator de risco. Infelizmente, isso é verdade: no Brasil, ser negro é fator de risco!

O sujeito negro não precisa de cota por ser inferior, mas porque dele é exigida uma força maior, para transpor, diariamente, uma verdadeira corrida de obstáculos.

Temos muito o que caminhar, para acabar com a segregação silenciosa e para que, de fato, o negro ocupe seu lugar de direito. A luta é ainda maior, porque, antes de ocupar esses lugares (que deveriam ser onde se quer estar), o negro precisa, sempre, se afirmar e se auto afirmar, como indivíduo digno de toda a condição humana, num esforço gigantesco, para não mais ser associado à figura inferior do escravizado. Estamos falando de pessoas que, desde o nascer, precisam ter toda uma vigilância para não aceitar a interiorização, que, ainda, tentam lhes impor.

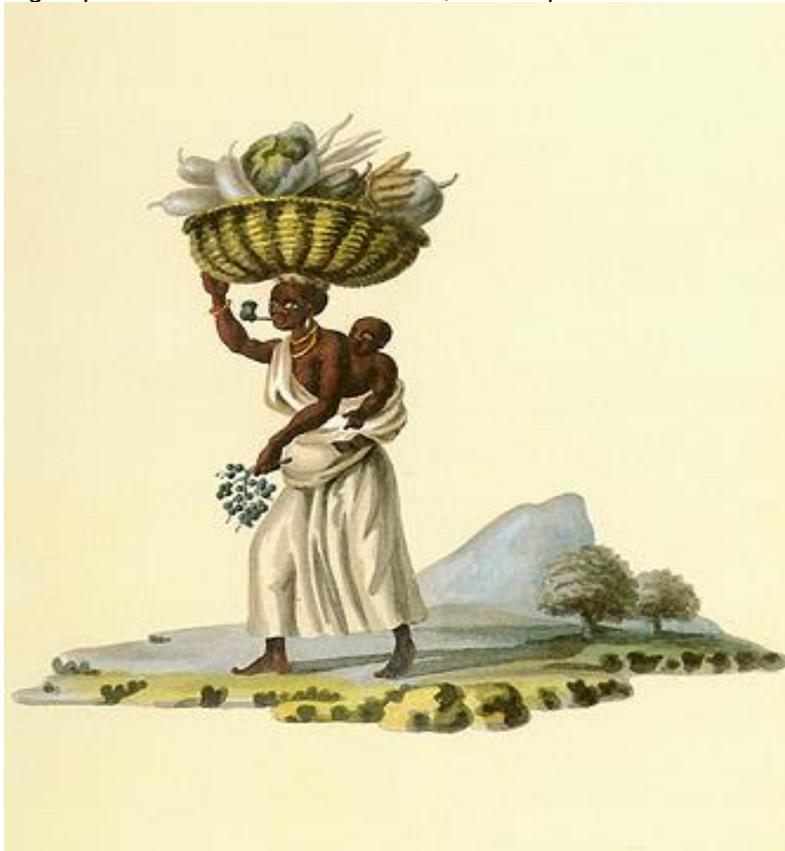
Quando será possível não atentar mais à presença negra ou vê-la participante e atuante, em todos os setores da sociedade?

4 NEGRAS QUITANDEIRAS: PROPAGANDO IDEIAS PELAS RUAS

Pensando nessa pesquisa, que parte de encontros meus com outras pessoas negras, me aproximo do movimento realizado pelas quitandeiras, na questão física, mesmo, de caminhar, de deslocar-se. Isso me faz refletir sobre o quanto foi e é necessário caminhar, literalmente, para se conectar a semelhantes, que, assim como eu, precisam transpor barreiras e dificuldades, frutos da escravização.

As mulheres, de origem africana, conhecidas como quitandeiras, ganhadeiras ou vendedeiras, eram facilmente identificadas, no Brasil Colônia e Império, por portarem cestos e tabuleiros na cabeça, nos quais vendiam os mais variados produtos (frutas, doces, galinhas, peixes, refrescos, charutos, entre outros), circulando pelas ruas. Em muitos casos, eram, senão a única, a principal fonte de renda de pequenos produtores, que viviam em áreas urbanas. As quitandeiras foram, diversas vezes, representadas através de artistas da época (Figura 4).

Figura 4 – *Negra quitandeira com filho às costas*, de Joaquim Cândido Guillobel, de 1814.



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural (2019)

Com seu trabalho, a quitandeira, não raramente, conseguia pagar a sua própria alforria, a de seus filhos e a de seu companheiro; e, quando de posse de sua alforria, mantinha a atividade, dessa vez, sendo dona do seu negócio. É importante ressaltar que esse perfil empreendedor já lhes era inerente, pois traziam essa característica mercantil de sua terra natal, em que havia feiras e se vendiam os mais variados produtos. Como exemplo, há registros sobre feiras que ocorriam, no século XVII, em Luanda, na África central ocidental.

Muitas vendedeiras adquiriram uma pomposa situação financeira, deixando, como herança, bens imóveis e dinheiro. Sua importância não foi somente mercantil, mas, também, política, pois o vai e vem de suas andanças possibilitava uma integração maior com outros negros, ou seja, não havia, somente, uma circulação de produtos, mas, também e principalmente, de ideias. Tal foi percebido e temido, pelos escravocratas.

As comerciantes eram também vistas como um grande perigo e ameaça pelas autoridades escravocratas, pois além de terem liberdade de circulação, representavam um importante elo de integração, resistência e comunicação na trama de relações das populações negras locais. Espalhadas por regiões estratégicas das cidades, elas percorriam ruas e vielas não só anunciando os mais variados produtos, mas também propalando idéias. Documentos atestam que auxiliavam o mercado clandestino de ouro e a fuga de escravizados nas vilas das Minas Gerais. Em 1835, na Bahia, Luiza Mahim e outras quitandeiras foram apontadas como co-responsáveis pela revolta dos malês, pois forneciam comida e conspiravam com as lideranças do levante. Em São Paulo, também no Século XIX, foram criadas medidas repressivas que restringiam o livre movimento das quitandeiras. Dessa forma, ficariam impedidas de ultrapassar os limites da cidade, além de serem obrigadas a fechar as quitandas depois da Ave-maria. (BRAZIL; SCHUMAHER, 2007, p. 65).

Apesar de haver uma legislação para o exercício da atividade, era comum sofrerem repressão policial, evidenciando o interesse da classe dominante branca em enfraquecer, em desestruturar e em acabar com qualquer possibilidade de ascensão negra.

É importante ressaltar que essas mulheres empreendedoras existiam em todo o território nacional. Hoje, temos na figura da vendedora de acarajé, na Bahia, provavelmente, o exemplo mais próximo da constatação do poder dessa cultura de ganhar as ruas que se permeia no tempo.

Na troca obtida, pelo compartilhamento de histórias, através das conversas nos encontros, nesse vai e vem, feito em vários lugares da cidade, de

certa forma me tornei, também, uma **quitandeira moderna**, pois o objetivo continua a ser a busca pela liberdade (de pensamento, de informação e de expressão) e, para isso, deslocar-se é primordial.

5 DA AUSÊNCIA SURGEM ENCONTROS: CONVITES, ENCONTROS, REGISTROS FOTOGRÁFICOS E CADERNO DE ANOTAÇÕES

Segundo o dicionário, **encontrar** significa “achar; descobrir; ver casualmente; topar com; defrontar-se com; chegar; unir; chocar-se; ir ter com alguém” (UOL, 2019).

Dentre os sinônimos de encontrar, destaco as palavras **unir** e **achegar**, como as mais significativas para os encontros que proponho, pois, para unir semelhantes, compartilhando vivências, objetivo principal deste trabalho, é necessário esse chegar-se, com toda a presença, com o corpo presente, com o ouvir e com o ser ouvido, diretamente, por aquele que pensa e que fala, com toda a gama de sinais, de gestos, de risos, de olhares, ou seja, com a cumplicidade que, somente, um encontro presencial possibilita, pois traz, com ele, a espontaneidade natural. Por esta razão, os convites para esses encontros se deram, também, de forma espontânea, com diversidade de lugares e de pessoas.

5.1 CONVITES

Os primeiros convites foram feitos, inicialmente, apenas para pessoas negras com as quais eu encontrava no cotidiano (no ônibus, no supermercado, em lojas e em tantos outros lugares...) e com as quais eu nunca havia conversado, antes. Como se tratavam de pessoas que eu não conhecia, a primeira comunicação não era verbal, vindo, geralmente, de um olhar, de um sorriso amistoso, que, muitas vezes, evoluía de uma observação sobre o clima. Não sei se saberei explicar como foi feita, essa escolha. Não sei se escolhi ou se fui escolhida, e, nem mesmo, se há uma explicação ou se, realmente, houve qualquer escolha. Talvez, o mais plausível fosse dizer que tudo começou, quando nos enxergamos.

No decorrer desse processo, fui percebendo que não convidar as pessoas negras que eu já conhecia poderia ser uma forma de não as enxergar. Nesse momento, me assustou a ideia de, talvez, ser invisível aos meus semelhantes. Não poderia excluí-los e não poderia não os enxergar, isto é, não teria como não lhes dar visibilidade. Convidá-los seria reconhecer, antes de tudo, a importância

daqueles que me são próximos. Penso que o papel de uma pesquisa é esse, mesmo: fazer com que tenhamos questionamentos, dúvidas e reflexões.

Fiz o convite a homens negros e a mulheres negras, para que pudéssemos marcar um encontro para uma conversa, na qual poderíamos falar sobre quaisquer assuntos, sobre as vivências de um ser humano negro. Deixava claro, sempre, de que não se tratava de uma entrevista e, sim, de uma conversa. Explicar o motivo principal da pesquisa foi importante, para que eu pudesse estabelecer, de imediato, uma conexão com as pessoas que participavam dos encontros, quando relatava que o motivo era pelo fato de não encontrar tantas pessoas negras nos lugares que eu frequentava. Nesse sentido, muitos relatavam a mesma frustração, ao se deparar com semelhante situação. O intuito desse encontrar era falar de mim e, também, ouvir o outro, para, ao final da jornada de encontros, criar um trabalho artístico a ser apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso.

Algumas das pessoas convidadas para os encontros optaram pela recusa, relatando sobre a dificuldade de encontrar tempo para tais encontros, por terem uma vida muito corrida, cheia de afazeres: trabalho, estudo, cuidado com os filhos, deveres domésticos, etc. Outro motivo que fez com que algumas pessoas recusassem o convite foi o fato de os encontros serem somente presenciais. Algumas pessoas diziam não entender por que não fazer esses encontros, também, de maneira não presencial, através de redes sociais, por exemplo. Havia aqueles que negavam, por acreditarem que não teriam nenhuma história de superação para contar, por mais que eu tentasse argumentar que a ideia não era contar histórias de superação e, sim, de vida. Ainda assim, essas pessoas continuaram firmes em suas negativas.

Ao fim da etapa dos convites para os encontros, obtive a aceitação, por parte de oito pessoas, entre homens e mulheres, de diferentes idades.

5.2 ENCONTROS

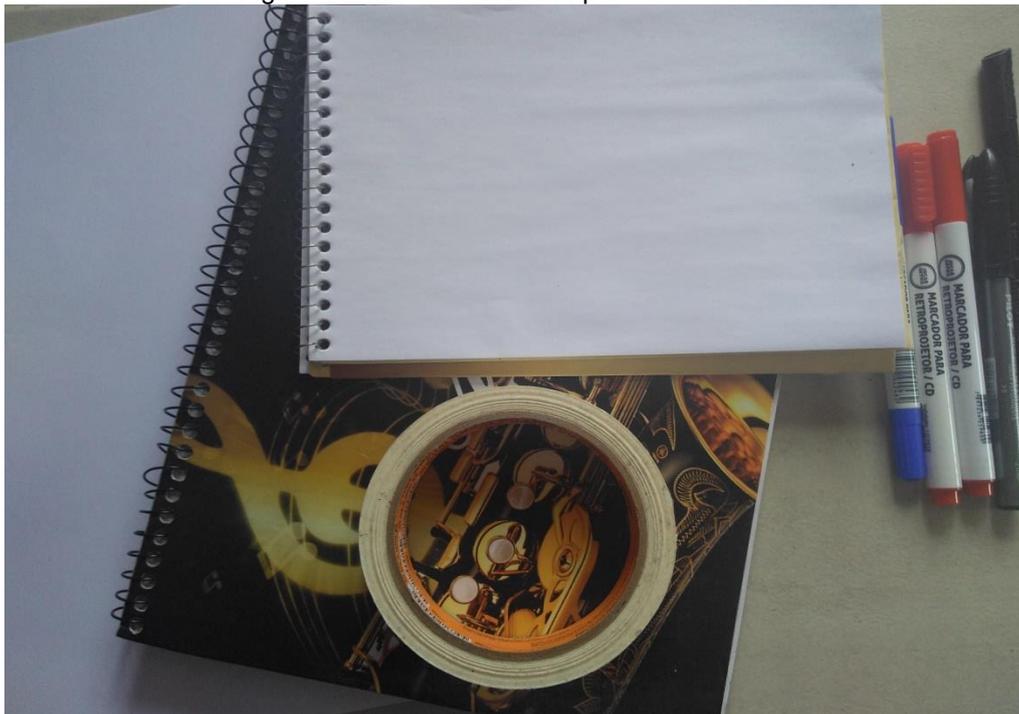
Nos encontros, eu tentava, sempre, começar por alguma coisa sobre o que havíamos falado, no dia do convite, ou comentava-se sobre o clima do dia (chuva, sol, frio, etc.). Depois, a conversa tomava rumos que eu já não controlava mais. Essa era a ideia: conversas sem nenhum roteiro. Falar e ouvir sobre amor,

sobre vida, sobre tristeza, sobre sonhos, sobre filhos, sobre família, sobre racismo, enfim, sobre qualquer coisa, tendo, todos os assuntos, o mesmo grau de importância.

Por mais que tivesse definido que as conversas não teriam um roteiro, não podemos ignorar que todo o encontro gera uma expectativa e que os meus não estavam imunes a isso. A ansiedade gerada era fruto de um comprometimento com um assunto, tão tocante para mim. Talvez, o receio fosse esse: eu seria ou não aceita? Haveria ou não empatia por mim? Poderia ser um assunto qualquer, sobre o que quer que fosse, mas, no fundo, existia um receio: seria eu a pessoa com a qual ele ou ela falaria sobre qualquer coisa? Apesar do medo, uma coisa era certa: eu estava ali, completamente disponível. Não, apenas, saberia sobre as vidas daquelas pessoas, mas, também, exporia a minha vida a elas, tornando a relação horizontal.

Materialmente, me vali de um aparelho celular, tanto para gravar as conversas como para fotografar os encontros. Além do celular, carregava, para todos os encontros, fita crepe, caderneta, folhas brancas, caderno e algumas canetas (Figura 5). A fita crepe me foi de grande serventia, para fixar o celular em qualquer superfície, pois, por se tratar de um encontro a dois, tive que pensar sobre a maneira que utilizaria para registrar esses encontros. Após a fixação do celular, eu o programava para fotografar o encontro. Tal técnica só não pode ser utilizada em um encontro, que ocorreu em um lugar público, no qual a fixação do aparelho era inviável, motivo pelo qual eu tive que solicitar o auxílio de um rapaz, de quem não soube o nome, mas que tem minha gratidão, por ter fotografado esse momento.

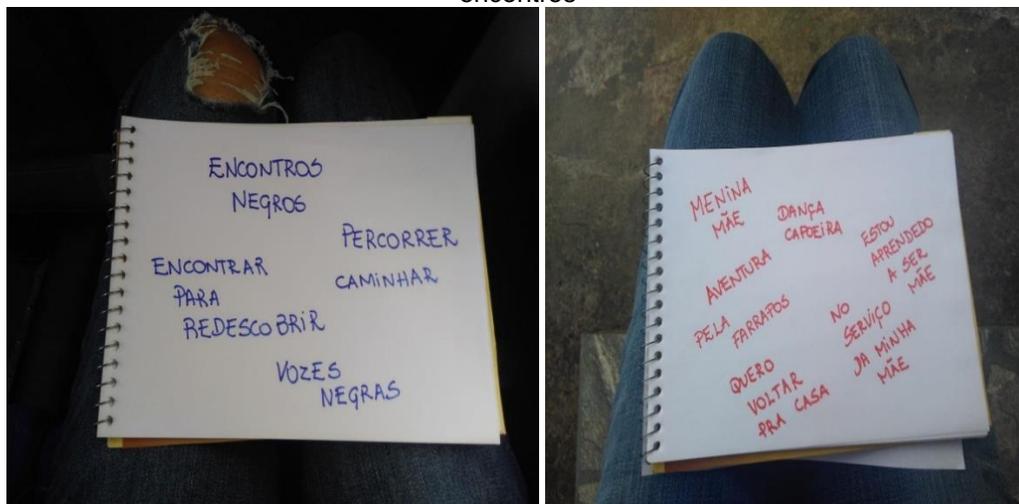
Figura 5 – Materiais levados para os encontros



Fonte: arquivo pessoal (2019)

A caderneta também foi de grande importância (Figuras 6 e 7). Utilizava-a, sempre, ao final de cada encontro, anotando coisas que me faziam pensar naquela conversa. Passei a chamar essa caderneta de **pequeno diário de palavras**. Ao me despedir de cada uma das pessoas, precisava, rapidamente, sentar e escrever no diário. Nesse momento, escrevia algumas palavras, que me levavam, novamente, para aquele encontro, pois eu não queria deixar de registrar todas as sensações daquele momento, presentes em mim.

Figuras 6A e B – Caderneta com anotações de palavras disparadoras de lembranças dos encontros



Fonte: arquivo pessoal (2019)

A cada novo encontro, mais palavras surgiam, em meu diário e, revisando suas páginas, era, realmente, como se pudesse visitar cada um dos encontros. Em uma das sessões de anotações, enquanto pensava no deslocar, no ir e vir, entre uma pessoa e outra, comecei a fazer rabiscos no caderno, formando a imagem de uma árvore (Figura 7), que passou a ganhar cada vez mais significado e mais importância na pesquisa, como veremos, no capítulo seguinte.

Figura 7 – Rabiscos: uma nova imagem surge



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Os encontros marcados foram experiências agradáveis, de crescimento e de partilha. Friso que tive apenas um encontro com cada uma das pessoas, apesar de que algumas demonstraram interesse em marcar outro encontro, para conversarmos, contudo, sem que as conversas fossem gravadas, o que acabou estabelecendo um vínculo.

O desmembramento dos povos africanos simboliza um trauma colonial, pois trata-se de uma ocorrência que afetou tragicamente não apenas aquelas e aqueles que ficaram para trás e sobreviveram à captura, mas sobretudo aquelas e aqueles que foram levadas/os para o exterior e escravizadas/os. Metaforicamente, o continente e seus povos foram desarticulados, divididos e fragmentados. É essa história de ruptura que une negras e negros em todo o mundo. (KILOMBA, 2019, p. 206-207)

É evidente que homens e mulheres descendentes de escravizados não tiveram suas raízes cortadas. Existe a consciência, quanto a não saberem

exatamente de onde vieram ou de onde seus antepassados foram arrancados. Isso gerava, em todas e em todos, um sentimento de identificação e a sensação de um lugar comum de origem, de berço, da força de uma ancestralidade.

Ao total, foram oito encontros (Figuras 8 a 15), com cada um promovendo a construção de novas narrativas, erguidas, exclusivamente, de vivências negras. A palavra que mais anotei, por ter sido a que mais surgiu e por ter sido comum a todas e a todos, foi **ausência**, referindo-se à falta de visibilidade da presença negra em locais e em cargos de destaque e de relevância social. Em dado momento das conversas, essa percepção sempre aparecia, de modo, até mesmo, não verbal, revelada, muitas vezes, no silêncio de uma pausa, na qual pude presenciar o surgimento dessa dolorosa constatação. Tal situação foi justificando, cada vez mais, o trabalho, pela seriedade que o tema merecia.

Figura 8 – Encontro com Jordana Lima, na Casa de Cultura Mário Quintana, em 2019



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Figura 9 – Encontro com Daniela Sacramento, em Viamão, em 2019



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Figura 10 – Encontro com José Carlos, em Porto Alegre, em 2019



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Figura 11 – Encontro com Luciane, em Porto Alegre, em 2019



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Figura 12 – Encontro com Allyson, em Viamão, em 2019



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Figura 13 – Encontro com Carmen Bandeira, em Porto Alegre, em 2019



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Figura 14 – Encontro com Cláudio, em Viamão, em 2019



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Figura 15 – Encontro com Luciane, em Viamão, em 2019



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Convidar alguém para conversar e para ter esse encontro registrado, com certeza, mexe com nosso senso de importância. Não poderia deixar de salienta a surpresa e o espanto, tanto por parte das pessoas desconhecidas como por parte daquelas com as quais eu já tinha contato, no momento dos convites. Não sei se a surpresa maior foi minha ou delas: a minha, por ter sido aceita; a delas, por verem suas vidas se tornarem interessantes a alguém que, nem mesmo, as conhecia. Por sua vez, as pessoas as quais eu já conhecia manifestavam igual surpresa, com o importante acréscimo de um sentimento de lisonja.

Passadas as surpresas iniciais, outras vieram, que me trouxeram alegrias, como a de ter sido procurada, em outras ocasiões, por alguns dos participantes dos encontros. Em tais ocasiões, eles me convidavam a continuar, de alguma maneira, com nossas conversas. Vi nascer, assim, algo que, por ser ainda recente, não consigo classificar, mas sinto que, de certa forma, estabelecemos um vínculo e, porque não dizer, **redescobrimos** o puro e simples prazer de estarmos num local, conversando com alguém. Talvez, isso demonstre a solidão oculta dos dias atuais, nos quais impera a impessoalidade e nos quais a comunicação mais usual parece acontecer através das redes sociais.

6 DOS ENCONTROS, SURGE ÁRVORE

A palavra árvore é carregada de significados, em diferentes culturas. Quem nunca ouviu dizer que a árvore simboliza a vida, a felicidade, o conhecimento, e que também pode vir a simbolizar o esquecimento? Em uma das muitas histórias africanas, conta-se sobre a árvore do esquecimento e sobre um ritual, que era feito ao redor dela.

Conta-se que, ao sair das praias do, Benin, homens e mulheres negros, antes de serem embarcados forçosamente para o Grande Atlântico Negro, eram obrigados por motivos rituais do seu local de origem a darem voltas em torno de uma árvore. A árvore do esquecimento era um artifício antes do Atlântico. Homens, ao darem 9 voltas, e mulheres, 7 voltas, deveriam esquecer de sua terra. Esses homens e mulheres embarcariam assim, sem memória. Embarcariam para a vida coisificada. Existência desumanizada sem lembranças, artigos e pertences, obedecendo tanto às exigências do colonizador como dos reinos onde saíam. (SIMÕES, 2019, p. 165).

A imagem da árvore foi ganhando cada vez mais simbologia e significado. Redesenhei aqueles traços, que havia rabiscado no caderno (Figura 16), mas, desta vez, consciente, quanto ao que poderia vir a ilustrar o *Entre Mãos*.

Figura 16 – Traços de uma árvore



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Assim, surge a árvore, construída do encontro das histórias negras.

Senti a necessidade de representá-la fisicamente (Figura 17), e o material mais adequado a utilizar não seria outro, senão, a própria madeira, mas não poderia ser uma peça única, sem cortes ou já pronta. Deveriam estar ali as marcas e os símbolos da busca, que tentaram e que continuam a tentar fazer com que esqueçamos. Optei por usar parafusos, para denunciar esse rompimento e para evidenciar o esforço que é exigido para juntar, novamente, os homens negros e as mulheres negras.

Figura 17 – Material para montar a *Árvore*

Fonte: arquivo pessoal (2019)

Se a tirania da escravização nos tirou o direito de sabermos sobre nossas origens, a força da ancestralidade persiste, criando meios para que nos reconectemos, mostrando a homens negros e a mulheres negras, ou não, que todo ser humano tem sua origem e anseia pela constituição de sua própria identidade, gerando possibilidades para superar qualquer ponte rompida ou elo perdido. A nossa, contudo, não é uma árvore genealógica tradicional; é nossa árvore genealógica possível.

Eu quis me deslocar e as pessoas que encontrei quiseram, também, fazer esse movimento. Conectar **ramos** foi sobre o que eu comecei a pensar, a partir desses encontros. Nos encontros marcados, nós trazíamos outros **ramos**, ao falar de nossos pais, de nossos filhos, de nossos netos, de nossos avós, e, assim, fomos criando novas conexões e movimentos. Filetes de madeira, de todos os tamanhos (Figura 18), que representam a singularidade dos sujeitos, se unem, com o auxílio de parafusos, insinuando as junções dos ramos de uma árvore.

Figura 18 – Montando a árvore



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Para pensar a montagem da árvore, construída pela junção de fragmentos, de forma a constituir o todo do objeto, trago, como referências, dois trabalhos artísticos: *A Flor de Piel* (2011-2012), da artista Doris Salcedo, e *In the house of my father* (1997), do artista Donald Rodney.

Ao usar, como referência, a instalação da artista colombiana Doris Salcedo *A Flor de Piel* (Figura 19), busquei por um trabalho que trouxesse um olhar com viés político, que denunciasse a violência, tal qual ocorreu com o *Entre mãos*. No trabalho de Doris Salcedo, a violência denunciada é a da guerra da Colômbia, enquanto o *Entre Mãos – Uma Árvore Possível* evidencia a violência sofrida, há séculos, pela população negra do Brasil. Ou seja, ambos os trabalhos trazem questões políticas e sociais, como tema.

Figura 19 – Instalação *A Flor de Piel* (2011-2012), de Doris Salcedo



Fonte: WHITE CUBE (2018)

O objeto artístico se apresenta como uma grande peça de tons avermelhados, medindo 340cm x 500cm, que é estendida no chão. Ele é resultado da delicada costura de pétalas de rosas, cosidas uma a uma (Figura 20), formando, assim, uma mortalha, numa referência à tortura e ao assassinato de uma enfermeira, durante a guerra da Colômbia.

Figura 20 – Detalhes da construção da peça de pétalas de rosas



Fonte: MCA Chicago (2018)

Por sua vez, a obra do artista Donald Rodney, intitulada *In the house of my father*, do ano de 1997, é uma fotografia, que traz a imagem de uma minúscula casinha, sobre a mão do próprio Rodney (Figura 21). A casa é constituída por fragmentos da pele do próprio artista, acometido por uma doença congênita. Ao construir essa casa, ele busca por uma conexão com temas ligados à família e à identidade. Embora o artista tenha nascido no Reino Unido, ele carrega, em seu corpo, uma doença hereditária, que afeta pessoas de ascendência africana, do Mediterrâneo oriental, do Caribe, do Oriente Médio e da Ásia.

Figura 21 – Fotografia *In the house of my father*, de Donald Rodney, de 1997



Fonte: TATE (2018)

Ao construir essa pequena casa, ele faz um movimento de se retrair, de se recolher, buscando refúgio na concretude de uma casa, na casa do pai, de forma individual e solitária. Esse trabalho se aproxima do *Entre Mãos – Uma Árvore Possível*, que busca, também, a ideia de uma **casa**, mas num sentido amplo, coletivo e infinito.

Em comum, os três trabalhos apresentam a utilização de fragmentos, para compor o objeto final, seja com pétalas de rosas, com pedaços de pele ou com filetes de madeira. Também falam de junção, de encontrar e de (re)conectar

partes perdidas. Há, ainda, a vontade da memória, de não esquecer do trauma, e de responder a ele com poesia.

7 PENSANDO O ESPAÇO EXPOSITIVO DA INSTALAÇÃO

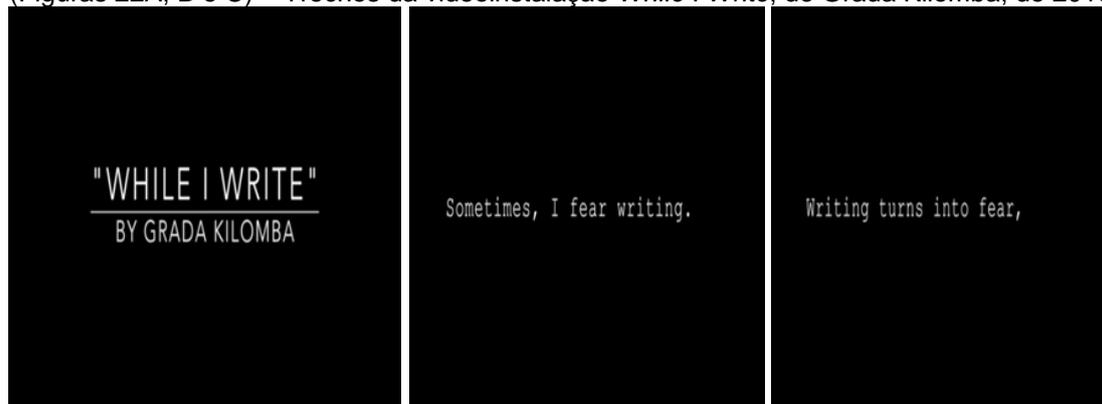
Para elaborar o trabalho final desta pesquisa, me aproximei de um conceito, criado pela escritora mineira Conceição Evaristo. Pensando sobre a forma como ela narra as histórias de personagens afro-brasileiras, me deparei com o termo **escrevivência**. Sua escrita brota do cotidiano, de experiências de sua própria vida e das vidas de outros. A partir dessas **escrevivências**, a autora produz contos, romances e poemas, que revelam e, até mesmo, denunciam, a condição do afrodescendente no Brasil. Por meio desse conceito, trago, para o *ENTRE MÃOS*, a ideia de criar algo, a partir, também, de vivências entre pessoas negras.

A *Árvore* é colocada na galeria, espaço tradicionalmente utilizado por indivíduos brancos. Ela brota no espaço físico da exposição, sobre um chão com terra preta espalhada. A *Árvore* traz consigo narrativas de vivências de seres humanos negros, as quais, antes, se tentava esquecer e, agora, se querem fazer ouvir.

No espaço expositivo, ouvem-se fragmentos dos áudios originais das conversas e percebem-se os diálogos dos oito encontros; um encontro de cada vez. Inicialmente, pensei em reescrever essas narrativas e em utilizar da minha própria voz, narrando os encontros, mas percebi que estaria contrariando minha pesquisa, pois não poderia representar melhor aquele que fala do que por meio de sua própria voz.

[...] por que deve a boca do sujeito negro ser amarrada? Por que ela ou ele tem de ficar calada/o? O que poderia o sujeito negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tapada? E o que o sujeito branco teria de ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, a/o colonizadora/or terá de ouvir. (KILOMBA, 2019, p. 41)

Trago, como referência artística, para pensar a questão do uso do áudio, e o tema da minha pesquisa, dois projetos da escritora e artista portuguesa Grada Kilomba, quais sejam: *While I Write*, videoinstalação, de 2016 (Figuras 22A, B e C); e *Plantation Memories*, performance, de 2015 (Figuras 23A e B). Em ambos os trabalhos, as questões dos negros ganham visibilidade, sendo apresentadas, ao espectador, questões sobre racismo e sobre os efeitos da colonização.

(Figuras 22A, B e C) – Trechos da videoinstalação *While I Write*, de Grada Kilomba, de 2016

Fonte: Kilomba (2018)

No trabalho intitulado *While I Write*, de 2016, Grada Kilomba traz a importância da escrita para o ser negro. Nesta obra, a voz não é usada para falar de questões raciais. As vozes ouvidas são de pessoas brancas, alheias ao que está sendo comunicado na escrita. No decorrer do vídeo, as vozes, aos poucos, vão diminuindo, até serem silenciadas e substituídas pelo ritmo de uma bateria, que se assemelha à de tambores africanos, convertendo a obra num ato político, pois as vozes brancas são caladas e não ditam mais as regras.

Figuras 23A e B – Trechos da performance *Plantation Memories*, de Grada Kilomba, de 2015

Fonte: Kilomba (2016)

No livro *Plantation Memories*, Kilomba aborda questões de violência e de traumas, os quais o racismo pode provocar, em uma compilação, que leva ao palco algumas dessas histórias, que são lidas, cenicamente. Esta é mais uma obra de Grada, que trata da necessidade de se abordar, através da arte, questões sobre o racismo, isto é, que busca chamar a atenção, quanto à diferença dos lugares sociais atribuídos a brancos e a negros.

Eis a tradução em português de um trecho da performance:

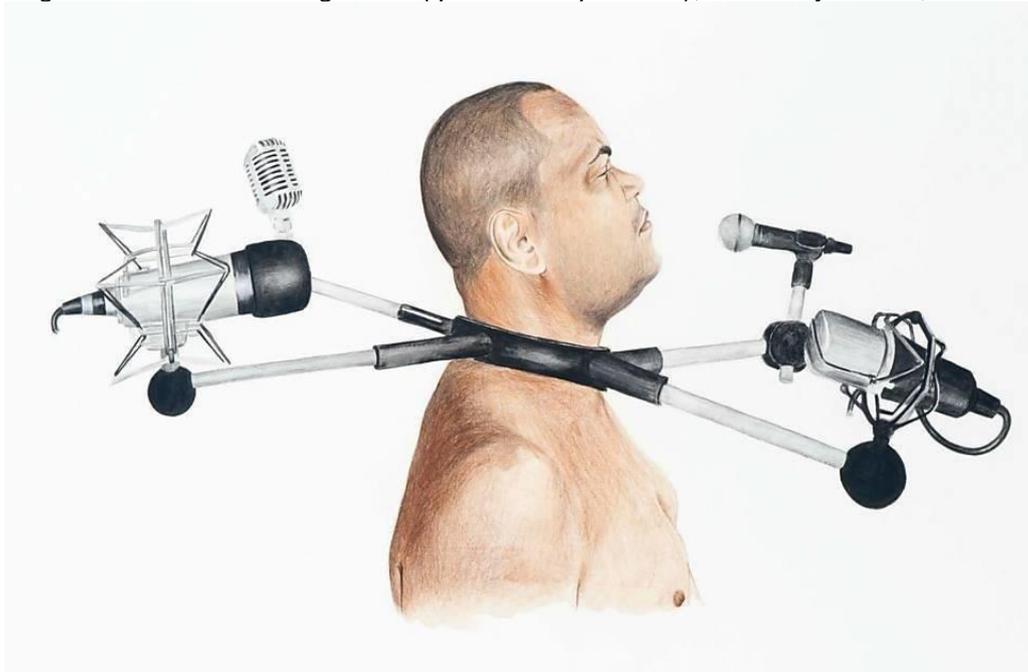
[Cena 1]
Hoje, eu venho expor
o que foi mantido em silêncio,
como um segredo.
Eu venho expor o racismo
sem remorsos, pena, vergonha, ou culpa.
(...)

[Cena 2]
Uma vez tive essa conversa com uma miga
de infância, sobre pessoas negras,
e contei-lhe como é ser negro aqui,
e que não é fácil para mim ser sempre
a única pessoa negra.
Ela ouviu com atenção, enquanto eu falava e depois disse:
“Mas, para mim tu não és negra.
Eu não acho que tu és negra.”
E ela disse aquilo como se me estivesse a fazer um favor.
(...)
(KILOMBA, 2015)

Muitos trabalhos artísticos se utilizam da voz, como ferramenta para comunicar, para denunciar e para causar reflexão, sobre questões que atingem a, nós, negros, pois não é somente a imagem do ser negro, a qual não há interesse em se ver: tudo o que é referente a nós é desvalorizado. Trazer os áudios dos encontros para a instalação é pensar na fala, como uma forma de ocupar espaços e de se fazer presente.

O artista paulistano Sidney Amaral, em sua obra *Gargalheira (quem falará por nós?)*, de 2014, um autorretrato com aquarela e com lápis sobre papel (Figura 24), denuncia que a voz do negro nunca é ouvida, que não ocupa espaços e que, sim, o sujeito negro, diante de microfones, pode, não, só, cantar, mas, também, falar do que lhe interessa.

Figura 24 – Desenho *Gargalheira (quem falará por nós?)*, de Sidney Amaral, de 2014



Fonte: Itaú Cultural (2019)

Nesta obra, Amaral se autorretrata, com uma espécie de **coleira moderna**, na qual se vê um homem imponente em silêncio, diante dos microfones. O artista coloca, nesta obra, a questão do quanto o negro é estereotipado, do que não lhe é permitido falar. Neste trabalho, Amaral reflete sobre suas próprias experiências, enquanto indivíduo negro, uma vez que, ao se autorretratar, acaba por evidenciar o ato político ativo de seu fazer artístico.

Nossa experiência cultural é tão marcada pela escrita e pelo visual que esquecemos muitas vezes que somos seres sonoros e, sobretudo, que somos orais. Ouvimos e somos ouvidos fazendo parte de uma paisagem sonora. Mais além, falamos e esse é o fato político fundamental. Do esquecimento da voz resulta a incapacidade política de uns e a violência discursiva de outros. Voz é justamente o universo político construído pela partilha da coisa falada. Não é a voz que está em nós, somos nós que estamos nela. E é por meio dela que, em primeiro lugar, fundamos a democracia. (TIBURI, 2012)

Considerando a lógica do desenho de Amaral, para finalizar a instalação da *Árvore*, que não é, somente, sonora, é necessário um ambiente sem qualquer luminosidade, pois, além dos áudios e da árvore, será utilizado um projetor de luz, que resultará no efeito da expansão dos ramos da árvore no espaço, através da sombra, que será projetada no teto e na parede. Busca-se uma sensação infinita, um abrigo construído por encontros, uma casa, para além da Terra.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cada novo encontro, minha motivação crescia. Foi um descobrimento mútuo de um compartilhamento de vivências negras, que, de certa forma, me modificou. Buscar, de fato, a presença negra me fez repensar que, sem nos darmos conta, nós, negros, vivemos, por anos, com as regras de nossas vidas sendo ditadas por pessoas brancas, o que, muitas vezes, aceitamos, passivamente.

Iniciar essa jornada exigiu de mim tudo aquilo que tenho e que sou e realizar esta pesquisa foi como dar o primeiro passo de uma caminhada, a qual eu não tinha dimensão de onde poderia acabar. Abordar essa temática tão importante para nós, negros, mexeu com todas as minhas questões e me fez repensar sobre coisas que estavam, até então, ocultas de mim mesma, apesar de serem gritantes, na sociedade. Nunca havia pensando na importância de ter-me descoberto negra! E não posso negar minha perplexidade por, somente depois de iniciar essa busca, ter percebido coisas tão óbvias! Assustei-me com a ideia de meu olhar ter sido **adestrado**, de modo a não perceber e a achar natural a ausência do negro em lugares elitizados ou com o fato de, inúmeras vezes, eu ter sido a única negra em meu círculo de amigos. Seria eu uma exceção ou uma privilegiada, por ter sido **aceita** num meio branco?

Ouvir e ser ouvida parece natural e, de fato, é, mas é incomum, ao negro, ser um destaque positivo, ser representado ou, ao menos, ser ouvido. Quem tem, verdadeiramente, interesse em ouvir o que um sujeito negro quer e tem a falar?

Ao sair do meu íntimo, ao abrir meu portão, para que outros entrassem e, também, para ir ao encontro de meus semelhantes, tive que ser vigilante, para que este assunto, tão importante ao indivíduo negro, não se tornasse excessivamente emocional. Mas a humanidade do tema me fez perceber que, em se tratando desse assunto, é impossível anular sentimentos e que essa não poderia ser a minha intenção. Eu queria saber da vida de pessoas negras em toda as suas verdades, e ignorar o meu, o nosso, envolvimento emocional, para com o tema, seria repetir aquilo que a nós, negros, sempre foi negado: o direito de pensar, de sentir e, até mesmo, de ser.

Deve ficar claro que o trabalho aqui construído, a partir de encontros negros, o qual foi intitulado, afinal, *Entre Mãos – Uma Árvore Possível*, infelizmente, só foi possível, porque, em pleno século XXI, a população negra experimenta, ainda, os vestígios de uma escravização que ocorreu há mais de 300 anos; uma violência que ceifou milhares de vidas negras. A escravização e o racismo estrutural são responsáveis, diretos, por não termos a presença negra em qualquer lugar, o que equivale a dizer que nós, negros, vivemos, ainda, segregados.

Uma **árvore** montada é a certeza de que há uma tentativa constante de conectar algo que se perdeu e de que, de alguma maneira, nós, negros, buscamos criar possibilidades de restabelecer tal conexão. Este é um, dentre muitos trabalhos artísticos, que traz, como tema, as questões negras, e será preciso que se construam muitos, ainda. Sigamos, pois há muito a caminhar.

REFÊRENCIAS

BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL. **Theatrum Orbis Terrarum**. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/8978/>. Acesso em 27 out. 2019.

BRAZIL, Érico Vital; SCHUMAHER, Schuma. **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

CALEIRO, João Pedro. **Os dados que mostram a desigualdade entre brancos e negros no Brasil**. 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-dados-que-mostram-a-desigualdade-entre-brancos-e-negros-no-brasil/>. Acesso em 5 nov. 2019.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS. **Negra quitandeira com filho às costas**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra65354/negra-quitandeira-com-filho-as-costas>. Acesso em: 17 nov. 2019. (Verbete da Enciclopédia) ISBN: 978-85-7979-060-7

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulher**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FONSECA, Bruno. **Em São Paulo, morador morre 20 anos antes dos que vivem em bairros ricos**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/em-sao-paulo-morador-da-periferia-morre-20-anos-antes-dos-que-vivem-em-bairros-ricos/?fbclid=IwAR0bRZS7ciEk152oDEtmOqLqJhC34wq3Vz9FtG7QVsTdYHbi0oEncF0AmJs>. Acesso em: 27 out. 2019.

GOMES, Flávio; PAIXÃO, Marcelo. Raça, pós-emancipação, cidadania e modernidade no Brasil: questões e debates. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 4, 2008.

GENERATIONS. **Work in Focus - Donald Rodney, In the House of My Father, 1997**. Disponível em: <https://sites.courtauld.ac.uk/macurating/2019/06/20/work-in-focus-donald-rodney-in-the-house-of-my-father-1997/>. Acesso em: 08 nov. 2019.

ITAÚ CULTURAL. **Morre o artista plástico Sidney Amaral**. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/>. Acesso em: 31 nov. 2019.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. O encadeamento do racismo estrutural. **Revista IHU (On-line)** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/587614-o-encadeamento-do-racismo-estrutural>. Acesso em: 13 nov. 2019.

JUNIOR, Nabor. MEU PASSADO (NÃO) ME CONDENA: MEMÓRIA, RAÇA E IDENTIDADE NAS PINTURAS DE SIDNEY AMARAL. **Revista O Menelick 2º Ato**. Disponível em: <http://www.omenelick2ato.com/artes-plasticas/meu-passado-nao-me-condena>. Acesso em: 31 nov. 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KILOMBA, Grada. "**PLANTATION MEMORIES**" by Grada Kilomba, Trailer I (Engl./Port.). 2016. 1 vídeo (5min41s). Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=ftRjL7E5Y94>. Acesso em: 13 set. 2019.

KILOMBA, Grada. "**WHILE I WRITE**" by Grada Kilomba. 2015. 1 vídeo (2min33s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w>. Acesso em: 14 set. 2019.

LOPES, Nei. **Dicionário literário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 74, p. 107-123, Mar. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 set. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002006000100007>.

MBEMBE, Achile. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MCA CHICAGO. **A Flor de Piel**. Doris Salcedo. Disponível em: http://www3.mcachicago.org/2015/salcedo/works/a_flor_de_piel/. Acesso em: 27 out. 2019.

OBSERVATÓRIO 3º SETOR. **A população negra e a realidade brasileira**. 2019. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/podcast/a-populacao-negra-e-a-realidade-brasileira/>. Acesso em: 5 nov. 2019.

PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

SCHWARCZ, Lilia. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Claudine Maria. **Práticas pedagógicas de valorização da identidade, da memória e da cultura negras**: a volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/17577/1/Tese%20Claudilene%20Vers%c3%a3o%20Final.pdf>. Acesso em: 13 out. 2019.

SIMÕES, Igor Moraes. **Montagem Fílmica e Exposição**: Vozes Negras no Cubo Branco da Arte Brasileira. Mar. 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/197434/001097947.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 out. 2019.

TATE. **'In the House of My Father', Donald Rodney, 1996-7**. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/rodney-in-the-house-of-my-father-p78529>. Acesso em: 08 nov. 2019.

TIBURI, Márcia. **MINHA VOZ, MEU CORPO - Revista Cult**. Abr. 2012.
Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/minha-voz-meu-corpo/>.
Acesso em: 29 out. 2019.

UOL. **Reentrância – Michaelis On-line**. Disponível em:
<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=A8A33>. Acesso em: 10 set. 2019.

UOL. **Encontrar – Michaelis On-line**. Disponível em:
<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=daIB>. Acesso em: 10 set. 2019.

WHITE CUBE. **Doris Salcedo on 'A Flor de Piel' and 'Plegaria Muda'**. 2018.
1 vídeo (2min33s). Disponível em: <https://youtu.be/9tgm2ywGGZk>. Acesso em:
26 out. 2019.